



Egocentrismo, pensamento inteligente e vida social: a divulgação das ideias de Jean Piaget na década de 1930 no Brasil

Egocentrism, intelligent thinking and social life: the dissemination of Jean Piaget's ideas in the 1930s in Brazil

Raquel Martins Assis

Universidade Federal de Minas Gerais
Brasil

Resumo

O artigo apresenta resultados de uma pesquisa que investigou a apropriação de ideias de Jean Piaget divulgadas na *Revista do Ensino* (1925-1940), entre 1930 e 1940. O periódico, publicado pela Inspeção Geral da Instrução de Minas Gerais, era responsável pela divulgação dos princípios da Escola Nova no âmbito da reforma educacional mineira. A análise da revista revelou a existência de onze textos em que há citações diretas a Piaget. Esses textos podem ser divididos em dois grupos em termos de gênero: um conjunto formado por discursos, resenhas e notícias e outro representado por artigos que tratam da criança e de seu psiquismo. Desse conjunto de artigos, analisamos seis textos que trazem apropriações do conceito de egocentrismo ao lado da socialização do pensamento. Como conclusão, entendemos que, no periódico estudado, o psicólogo suíço era tomado como referência para as discussões do impacto do ambiente sobre o desenvolvimento psíquico da criança.

Palavras-chave: história da psicologia; Jean Piaget; educação; inteligência; apropriação

This article presents the results of a study which analyzed the appropriation of Jean Piaget's ideas published in *Revista do Ensino* (1925-1940), between the years of 1930 and 1940. The journal, published by the General Inspectorate of Education of Minas Gerais State, was responsible for broadcasting the principles of the *Escola Nova* (the New School) in the scope of the educational reform held in the state of Minas Gerais. The journal analysis revealed the occurrence of ten texts bearing direct citations regarding Piaget. Based on their genders, these texts can be divided into two groups: a set consisting of speeches, book reviews and pieces of news, and another bearing articles about children and their psyche. Among the articles of this last group, we analyzed six texts bringing appropriations of the concept of egocentrism put beside the socialization of the thought. In conclusion, we believe that, in the reviewed journal, the Swiss psychologist was taken as a reference for debating the environment's impact on the child's psychological development.

Keywords: history of psychology; Jean Piaget; human development; intelligence

Esse artigo apresenta resultados de uma pesquisa que investigou a divulgação das ideias de Jean Piaget (1896 - 1980) no Brasil, mais especificamente em Minas Gerais, pela cultura impressa entre os anos 1930 e 1940. Elegemos como fonte de pesquisa a *Revista do Ensino* (1925 - 1940), publicação marcada pelos ideais da Escola Nova e que circulou como



leitura indicada para docentes em formação e para professores de escolas públicas mineiras. Com esse estudo pretendemos contribuir para um campo de trabalhos em História da Psicologia que analisa teorias e ideias divulgadas pelos intelectuais, educadores e demais profissionais envolvidos com a psicologia na primeira metade do XX, buscando compreender como se conceituaram e sistematizaram-se teorias psicológicas apropriadas de autores estrangeiros à luz da realidade educacional brasileira.

Na época, os educadores e os profissionais que se dedicavam à psicologia debatiam a necessidade da criação de uma ciência específica da criança. Essa ciência, denominada de pedologia por Édouard Claparède, tinha como um de seus objetos a investigação sobre a formação das estruturas mentais e dos processos psicológicos infantis e se inseria em um contexto em que se buscava a construção de teorias psicológicas ao lado do uso prático das investigações científicas (Campos, 2010).

Nesse âmbito de produção de saberes, em Minas Gerais, houve grande circulação da psicologia ativa oriunda da Escola de Genebra, mais especificamente do Instituto Jean Jacques Rousseau (Campos, 2010) que oferecia fundamentos para as ciências sobre a infância por meio de suas inúmeras pesquisas. A psicologia ativa recebia essa denominação por valorizar e enfocar a atividade e o interesse da criança como centro de suas investigações. Consequentemente esses dois atributos, atividade e interesse, eram também colocados como aspectos fundamentais da ação pedagógica (Campos, 2010; Almeida, 2013).

Diante desse quadro, tomamos como objeto da pesquisa os primeiros momentos de divulgação das ideias de Jean Piaget em Minas Gerais, levando em consideração a grande circulação das teorias da Escola Nova no contexto brasileiro e da psicologia suíça no estado mineiro. Para esse artigo, iremos apresentar o cenário em que as ideias de Piaget começam a circular em Minas Gerais, seguido de exposição do método e dos procedimentos utilizados na pesquisa. A partir daí, faremos uma breve descrição da *Revista do Ensino* e apresentação de resultados encontrados a partir da análise de textos que citam Piaget e que se apropriam principalmente do conceito de egocentrismo ao lado das discussões sobre pensamento socializado.

A Psicologia ativa em Minas Gerais e a reforma educacional

A divulgação da psicologia ativa e a recepção das ideias de Piaget, no Brasil, ocorrem em um momento de implantação de reformas educacionais (Vasconcelos, 1996; Antunes, 2005; Campos, 2010). Pautando-se pelos parâmetros da Escola Nova e marcadas pelo projeto de construção da nação republicana brasileira, as reformas foram realizadas na década de 1920, sendo a primeira delas idealizada por Sampaio Dória, em São Paulo. Outras se seguiram no Ceará, Distrito Federal, Paraná, Pernambuco e Minas Gerais. Elas foram motivadas pela defesa da escola pública obrigatória, laica e gratuita, aberta a todas as classes



sociais e fundamentada na racionalidade científica, buscando superar definitivamente a organização educacional associada ao Império e aos tempos coloniais. Desejava-se uma mudança que “eliminasse o espírito livresco da educação em vigor e adquirisse aspecto mais prático, profissionalizante” (Libâneo, Oliveira & Toschi, 2012, p. 177), já que um dos interesses políticos da época era a formação do trabalhador capaz de construir a nação.

Em Minas Gerais, a reforma educacional ocorreu em 1927 sob a organização de Francisco Campos e Mário Casasanta. O Programa de Francisco Campos visava “imprimir uma nova conformação à escola mineira, fazendo dela uma eficiente colaboradora da família e da sociedade, na construção de uma nova ordem social no país” (Peixoto, 2003, p. 93).

Uma das estratégias para garantir a efetividade das mudanças na educação preconizadas pelo Governo mineiro era a circulação, pela imprensa pedagógica, dos saberes escolanovistas e, entre eles, da escola ativa em psicologia. Nesse âmbito, a *Revista do Ensino* foi um dos instrumentos privilegiados de expressão do Estado para a ampla divulgação dessas teorias, tornando-se o periódico educacional de maior circulação na região. Outra iniciativa para a garantia da eficácia da reforma era o apoio aos intercâmbios entre educadores mineiros e estrangeiros ligados às Universidades e aos centros científicos. Um desses intercâmbios foi a Missão Pedagógica que enviou professoras para realização de estágio na Universidade de Colúmbia, onde estavam John Dewey e William Kilpatrick (Assunção, 2002), dois dos ícones dos ideais escolanovistas da época.

Ao mesmo tempo, o governo mineiro convidou e contratou diversos educadores e cientistas ligados ao Instituto Jean Jacques Rousseau de Genebra para ocupar as cadeiras da recém-criada Escola de Aperfeiçoamento de Belo Horizonte, instituição cujo objetivo era formar uma elite de educadores responsáveis por implantar e organizar a reforma educacional (Campos, 2010).

Nesse grupo, em 1929, chegou Helena Antipoff, educadora e psicóloga russa, assistente de Edouard Claparède em Genebra, contratada para ser a responsável pela cadeira de Psicologia e dirigir o Laboratório de Psicologia da instituição.

Na efervescência das possibilidades de intercâmbio criadas pelas reformas educacionais, Antipoff convidou, diversas vezes, Édouard Claparède para vir a Minas Gerais. Em 1932, o renomado psicólogo suíço ministrou cursos e palestras nas quais fez referências a Jean Piaget, citando os livros *Le langage et la pensée chez l'enfant* (1923) e *Le jugement et le raisonnement chez l'enfant* (1924) (Vasconcelos, 1996). Nessa época, Piaget já era um dos colaboradores mais ativos do Instituto Jean Jacques Rousseau.

Claparède e Antipoff tiveram um papel importante na transmissão das pesquisas e dos estudos desenvolvidos no Instituto, sendo os primeiros a divulgar as ideias de Jean Piaget em Minas Gerais e também no Brasil, desde meados de 1930 no âmbito da Escola de Aperfeiçoamento (Vasconcelos, 1996). A contribuição que Piaget vinha oferecendo em suas pesquisas era valorizada por Antipoff, pois, nos cinco volumes das Obras Escritas da autora,



os trabalhos do psicólogo suíço figuram entre os mais citados, ao lado Édouard Claparède, Alfred Binet, Theodore Simon e Alice Descoedres (Campos, 2010). Além disso, um dos materiais que Antipoff fazia circular no Laboratório do qual era diretora era o *Archives de Psychologie*, periódico produzido pelo Instituto Jean Jacques Rousseau e do qual Piaget era co-editor (Vasconcelos, 1996).

Em Minas Gerais, os livros de Piaget citados por Claparède em sua estada no país, circulavam em francês. Como demonstra pesquisa realizada por Nepomuceno e Campos (2004) e Assis (2009), a literatura francesa voltada para temas psicológicos e educacionais tinha forte presença no Brasil desde o século XIX, sendo que, principalmente no final desse período, começa a aparecer a circulação também de autores dos Estados Unidos. Desse modo, o interesse pelas teorias psicológicas ao lado da valorização dos livros de língua francesa foram aspectos que franquearam a recepção da obra de Jean Piaget no Brasil, já que esta era língua estrangeira de ensino obrigatório no país (Vasconcelos, 1996).

Método

A recepção de ideias e suas formas de apropriação são objetos importantes para o campo da história da psicologia por evidenciarem possíveis originalidades e particularidades das teorias brasileiras. Por originalidade entendemos os modos pelos quais psicólogos e educadores brasileiros e residentes no país se apropriaram de conceitos e pesquisas elaboradas em outros contextos, contribuindo para construções teóricas e práticas cujo objetivo era lidar com os problemas e características da realidade nacional. Assim, nessa pesquisa faz-se a articulação entre recepção, apropriação e circulação de saberes que nos permite entrever como a teoria piagetiana foi apropriada a fim de oferecer fundamentos para a constituição de uma psicologia cujo objeto era a criança inserida nas instituições educacionais e sua aprendizagem e desenvolvimento.

Dagfal (2004) define recepção a partir de duas operações: a apropriação e o intercâmbio de saberes. Por apropriação podemos entender a dinâmica ativa pela qual as pessoas não apenas assimilam, mas imprimem operações cognitivas sobre conceitos e ideias, a partir da leitura realizada, transformando-os e reconstruindo-o sem novos sentidos voltados para fins diversos (Assis, 2009). O intercâmbio consiste nas estratégias colocadas em ação para circulação dos saberes de modo que eles sejam inseridos num campo de interações sociais e reconhecidos pelos pares.

Tomando a *Revista do Ensino* como o instrumento de circulação desses saberes, entendemos que textos literários, tais como revistas e periódicos, podem ser tomados como um *corpus* significativo capaz de expressar aspectos essenciais da visão de mundo de um determinado grupo, permitindo a compreensão de como este grupo se articulava em seu tempo, partilhando conscientemente, ou não, de um sistema ideológico (Chartier, 1990).



Assim, periódicos responsáveis pela divulgação de pesquisas recentes em psicologia e educação cujos temas eram as novas ideias educacionais e os novos métodos pedagógicos, são capazes de expressar aspectos da visão de educadores e profissionais envolvidos com a psicologia e suas maneiras de sistematizar e divulgar teorias sobre a criança e seu psiquismo, evidenciando apropriações de saberes de diversas naturezas.

Parrat-Dayan (2003) examinou as relações recíprocas entre a produção de Jean Piaget e a recepção de suas obras por seus críticos, chamando a atenção para as apropriações que podem estar presentes na construção de teorias psicológicas:

Uma obra não é independente nem dos efeitos que ela produz, nem da acolhida que ela recebe. Por outro lado, uma obra não se apresenta jamais como uma novidade absoluta. Ela evoca, no leitor, outras obras já lidas e o predispõe a acolher a obra segundo um certo ponto de vista (p. 154).

Desse modo, a recepção de uma ideia nunca é passiva, pois os leitores têm suas próprias maneiras de organizar conhecimentos e experiências. Aqueles que leem para logo em seguida se tornarem autores, colaboradores dos periódicos, interpretam, conservam ou produzem novas ideias à luz dos contextos nos quais estão inseridos. A recepção de uma obra não é linear: alguns leitores não se apropriam das produções de um autor em ordem cronológica; outros podem reler os textos em diferentes momentos de sua reflexão; outros ainda podem apenas tomar parte de um texto, ou seja, aquela que lhe interessa para determinados fins; há também a possibilidade de conhecer um autor pelos comentários de um outro autor. Enfim, a recepção das ideias de um autor pode ser marcada por diferentes e variadas formas de apropriação. Assim, esse trabalho procurou compreender a maneira como as ideias de Piaget foram apropriadas pela *Revista do Ensino* e dadas a conhecer para os professores da época.

Quanto ao recorte desse estudo, analisou-se a década de 30 por ser o início da divulgação das primeiras ideias de Piaget no Brasil, ou seja, a divulgação das teorias do psicólogo suíço quando jovem e visto como colaborador promissor das atividades do Instituto Jean Jacques Rousseau. Optou-se também por estudar essa década por ser um período anterior à criação da Faculdade de Filosofia em Minas Gerais, levando em consideração que a partir do momento em que a psicologia da educação se organiza nos cursos superiores surgem novas formas de divulgação e de organização dos debates teóricos disciplinares.

A investigação foi realizada do seguinte modo: na primeira etapa, fez-se o levantamento das referências a Jean Piaget existentes em sessenta e uma *Revistas do Ensino* publicadas entre 1930 e 1940. Foram consultados os exemplares presentes no Centro de Documentação da Biblioteca da Faculdade de Educação da UFMG (CEDOC-UFMG) e no Museu da Escola Professora Ana Maria Casasanta Peixoto/Magistra. Desse conjunto,



encontramos onze textos que citavam conceitos e ideias de Jean Piaget, sendo o nome do autor suíço designado explicitamente. As referências foram analisadas levando em consideração, entre outros aspectos, que temas e conceitos eram destacados nos artigos.

A *Revista do Ensino* nos ofereceu citações e menções a Piaget que podem ser organizadas em dois grupos de textos em termos de gênero: o primeiro grupo é formado por discursos, resenhas e notícias e o segundo representado por artigos que tem como tema a criança e seu psiquismo. Nesses dois grupos, o conceito de egocentrismo aparece em seis textos, evidenciando a importância desse tópico para a época aqui estudada e para a pedagogia. O presente artigo discutirá esse conjunto de seis artigos, sendo três deles pertencentes ao primeiro grupo e outros três pertencentes ao segundo grupo.

Do primeiro grupo, os textos que trazem o conceito de egocentrismo são: um *Discurso de paraninfo aos diplomandos do Grupo Escolar de Diamantina, proferido pelo Arcebispo D. Joaquim Silvério de Souza*, publicado no exemplar de janeiro de 1933 e duas resenhas dos seguintes livros: *Pedagogia* (1935) de Djacir Menezes (*Revista do Ensino* de julho, agosto e setembro de 1937) e *Psicologia da Infância* (1937) de Silvio Rabelo (*Revista do Ensino* de julho, agosto e setembro de 1938). No segundo grupo, também aparecem artigos que, ao discutir o psiquismo da criança, dão ênfase às relações entre egocentrismo, pensamento socializado e impacto da vida social: *A estrutura psíquica do sonho e a mentalidade infantil*, escrito por Theobaldo Miranda dos Santos, publicado na *Revista do Ensino* de outubro de 1932; *A personalidade e o caráter da criança – Necessidade de respeitá-los e favorecer seu desenvolvimento na criança no Asilo*, redigido por Helena Antipoff (*Revista do Ensino* de outubro de 1933) e *A criança aos sete anos – Parte II – Desenvolvimento mental – Inteligência*, publicado na *Revista do Ensino* de janeiro a junho de 1939 por Irene Lustosa.

Além dos seis artigos colocados acima, encontramos, na *Revista do Ensino* de abril, maio e junho de 1932, um escrito intitulado *Projeto de Biblioteca para o Curso de Aplicação de Belo Horizonte* que evidencia a circulação de listas recomendando a composição da Biblioteca do Professor. Essa lista indicava a adoção dos livros *La langage et la pensée chez l'enfant* (1923) e *Le jugement et le raisonnement chez l'enfant* (1924), livros nos quais o egocentrismo e a socialização do pensamento são discutidos por Piaget.

A Revista do Ensino

A circulação de impressos pedagógicos, bem como a organização de cursos e conferências e a criação de instituições como a Escola de Aperfeiçoamento foram estratégias organizadas pelo Governo mineiro para a formação dos professores a partir dos princípios da Escola Nova (Peixoto, 2003). Nesse âmbito, a *Revista do Ensino*, que havia sido criada nos primeiros anos da República (em 1892, sendo publicados apenas alguns números e depois desaparecido de circulação), ressurgiu em 1925 e foi reorganizada pelo Órgão Oficial da



Inspetoria Geral da Instrução da Secretaria do Interior de Minas Gerais. Era impressa nas oficinas da Imprensa Oficial do Estado de Minas Gerais e podia ser comprada individualmente ou por um sistema de assinaturas semestrais ou anuais. Seu objetivo era dar a conhecer as recomendações e atos oficiais do Governo, divulgar os novos métodos utilizados pela Escola Nova, publicar textos traduzidos de revistas europeias e estadunidense e escritos dos estudiosos presentes no país (Vasconcelos, 1996; Biccass, 2008). Vista como impresso de organização e propaganda do ensino, o periódico era distribuído pela Secretaria de Educação e direcionava-se aos professores, diretores e técnicos da rede pública de ensino de Minas Gerais e visava o projeto de homogeneização política e cultural da sociedade, em que a escola tinha lugar central como formadora dos cidadãos capazes de construir uma nação republicana e moderna.

Em 1927, com a Reforma educacional mineira implantada por Francisco Campos e Mario Casasanta, a revista foi novamente remodelada, dessa vez como uma das principais estratégias de divulgação dos princípios que norteavam a reforma. Sua edição, publicação e distribuição continuavam a ser realizadas pela Inspetoria Geral da Instrução Pública que fazia parte da Secretaria de Educação e Saúde Pública de Minas Gerais. Faziam parte do corpo editorial do periódico o Inspetor Geral da Instrução, como diretor, e os membros do Corpo Técnico da Secretaria da Educação como redatores. A revista era distribuída por todo o estado e circulava, principalmente, nos grupos escolares estaduais e nas escolas confessionais e privadas que possuíam o Curso Normal (Biccass, 2008, p. 45). Desse modo, o periódico constituiu-se em um instrumento de comunicação e intercâmbio de diferentes atores sociais tais como os professores, técnicos e gestores escolares; docentes, assistentes e técnicos que se encontravam nas escolas de formação de professores; os políticos e técnicos do Governo mineiro; os membros do clero da Igreja e educadores das escolas confessionais, entre outros.

Nessa rede de circulação de saberes, os educadores de todo o estado eram incentivados a colaborar na produção dos números da *Revista do Ensino*, enviando ensaios, relatos de experiências e estudos realizados. A redação da Revista, em 1932, convida todos os educadores a contribuir para o periódico a fim de que os “problemas reais da escola mineira” fossem conhecidos e discutidos:

Para o êxito desta tentativa, espera-se a contribuição do professorado, que deverá mandar relatos de suas observações, sumula de pesquisas e inquéritos, planos de aulas, etc., tudo destinado a esclarecer os problemas reais da escola mineira (A redação, 1932, p. 1).

Os técnicos e inspetores tinham como uma de suas funções observar o uso da revista e sua circulação nas escolas, pois recomendava-se que ela fosse lida pelos professores e demais



profissionais. Assim, houve um grande investimento para que a Revista fosse difundida para os educadores em todo o estado na tentativa de garantir maior número de leitores.

Embora tenha circulado regularmente entre 1925 e 1940, o periódico passou por diversas formas de organização, mudando de acordo com as decisões da política estadual. A revista foi publicada quinzenalmente em alguns períodos e em outros foi organizada mensalmente ou por bimestre, dependendo da política editorial do momento (Biccás, 2008). Embora existam algumas exceções, a maioria dos exemplares é formada por traduções de artigos ou livros de autores estrangeiros; colaboração de profissionais brasileiros ou publicações retiradas de outros jornais e revistas nacionais da época; inúmeros relatos de experiências de professores, diretores, assistentes e técnicos da rede estadual de ensino ou discursos e recomendações dos governantes; publicação de monografias feitas nas Escolas Normais do estado e pesquisas realizadas pela Escola de Aperfeiçoamento; notícias sobre acontecimentos como Congressos, formação de bibliotecas e museus, em suma, do que estivesse ocorrendo de importante ou interessante no contexto educacional nacional ou internacional.

Egocentrismo e o impacto da vida social sobre o desenvolvimento da criança

Por meio da análise da *Revista do Ensino* podemos supor que embora ainda não fosse um autor consagrado como ícone de uma tendência ou escola psicológica, como o eram Dewey e Claparède, Jean Piaget já era considerado um autor central quando o assunto se relacionava ao desenvolvimento cognitivo e moral da criança, destacando-se as diversas apropriações feitas ao conceito de egocentrismo.

O *Discurso de paraninfo* feito por D. Joaquim Silvério de Souza, arcebispo de Belo Horizonte, tem o objetivo de fazer frente aos saberes laicos difundidos como fundamentos para a educação moderna. Segundo o religioso, muitos dos princípios valorizados por essas teorias podiam ser encontrados na pedagogia construída durante a história da Igreja como: a importância de que o aluno aprenda por meio de sua curiosidade através do livro da natureza; a não utilização de punições; o favorecimento da iniciativa pessoal do aluno e de sua responsabilidade perante a aprendizagem; o apreço à herança nacional; o estudo dos variados temperamentos dos alunos para lhes aplicar educação congruente e a importância dos exercícios físicos para o desenvolvimento da criança.

Em sua mensagem aos diplomandos, o arcebispo realiza um encadeamento de relações entre práticas escolares e formação de crianças. Inserido nesse tema surge o conceito de egocentrismo: “lembremo-nos do amor próprio, exclusivo, que faz o menino referir tudo a si” (Souza, 1933, p. 24). O conceito de egocentrismo é associado à ideia de cooperação. Desse modo, uma das novas e importantes práticas pedagógicas seria o desenvolvimento da cooperação que leva o aluno a respeitar as decisões tomadas em comum, ou seja, pela



cooperação se combateria o egocentrismo. Nesse caso, o egocentrismo é entendido como atributo moral que precisa ser superado a fim de alcançar a cooperação. Essa superação pode ser manejada pela prática pedagógica de modo a garantir o bem comum e o respeito pelo outro, virtudes necessárias à construção da Igreja e da Nação.

Entretanto, ao tratar de egocentrismo e cooperação, temas trabalhados por Piaget na época e divulgados pela imprensa pedagógica, o arcebispo cita outros autores e não menciona o psicólogo suíço. Sendo assim, embora conhecesse a teoria piagetiana, D. Silvério prefere usar outras perspectivas teóricas para a definição de egocentrismo, conceito que, na época, estava sendo tratado principalmente pelos parâmetros da psicologia ativa genebrina.

Sabemos que o religioso conhecia as ideias de Piaget, pois o autor é explicitamente citado em seu discurso quando são feitas críticas a escolanovistas como Maria Montessori e a teorias psicológicas como a psicanálise e o behaviorismo (que, segundo o discurso, não pode ser levado a sério por usar animais, ignorando as distinções entre esses últimos e os seres humanos). O problema estaria não nos princípios científicos, mas na construção de uma perspectiva educacional que não leva Deus em consideração. Todavia, nesse grupo de teorias problemáticas, Piaget não é criticado pelo arcebispo. Pelo contrário, o conceito de egocentrismo é apropriado pelo religioso para referendar a opinião de que em seu limite cognitivo, a humanidade ainda está pouco adaptada e preparada para a verdadeira compreensão da finalidade do homem em seu destino imortal. Daí que as teorias psicológicas e da educação renovada estejam colocando a felicidade terrena como fim do desenvolvimento humano, afastando-se de Deus e das questões últimas que afligem os seres humanos.

Ideias de Piaget que circulavam na época afirmavam que, quando ainda em posição egocêntrica, a inteligência humana não é capaz de conhecer e compreender adequadamente um objeto. A criança egocêntrica julga o objeto a partir dos seus próprios parâmetros ainda limitados, o que a impede de reconhecer as relações complexas que podem estar envolvidos na solução de um problema. Apropriando-se desse conceito, D. Silvério estabelece uma associação entre desenvolvimento individual e desenvolvimento social, colocando, nas entrelinhas, que a humanidade, do mesmo modo que a criança, pode apresentar limites na compreensão de um objeto ou de um problema quando ainda não está suficientemente desenvolvida. Desse modo, a humanidade pode ainda estar limitada na sua possibilidade de compreender adequadamente as leis divinas e da Igreja. A associação feita pelo arcebispo pode ser entendida dentro da tradição católica, bastante presente em Minas Gerais, segundo a qual existe coincidência e unidade entre corpo individual (microcosmo) e corpo social (macrocosmo) (Assis, 2004). Desse modo, as mesmas leis que regem a dinâmica psíquica do indivíduo estão presentes nos sistemas políticos, econômicos e sócio-culturais da sociedade. Piaget, nesse caso, é apropriado de uma maneira bastante peculiar por ter o seu conceito de egocentrismo relacionado a um modo de pensar da tradição católica mineira. Além disso, D.



Silvério utiliza um recurso bastante comum também da tradição católica mineira: utilizar os saberes de um autor para realizar a crítica da teoria representada por esse mesmo autor, ou seja, os ideais educacionais da Escola Nova (Assis, 2004).

Na resenha do livro *Pedagogia* de Djacir Menezes - estudioso cearense também autor de livros sobre economia, política e sociologia - os temas do desenvolvimento humano associado ao egocentrismo também são centrais, mas dessa vez relacionados à pedologia, isto é, à ciência da criança e sua importância para a pedagogia. O texto da *Revista do Ensino* relata que Menezes entende a pedologia como ciência cujo objetivo é estudar o paciente da educação em face das influências que recebe: “de um lado, as da herança (endógenas), de outro lado as da educação (exógenas), ambas reagindo uma sobre a outra” (*Pedagogia* de Djacir Menezes - Edição da Livraria do Globo, Porto Alegre, 1935, 1937, p. 45). Devido à preponderância do pensamento higienista, as interações entre os aspectos hereditários e ambientais e seus impactos sobre o desenvolvimento infantil e sobre a formação da personalidade humana eram questões muito discutidas na época, tendo presença marcante na *Revista do Ensino* durante a década de 1930. Remetendo-se às elaborações de Claparède, Menezes entende que os fatores regentes da conduta humana são decorrentes de uma lei geral: o desequilíbrio entre o organismo e o meio ambiente. Esse desequilíbrio gera interesses e necessidades, princípios fundamentais da ação humana e conseqüentemente do desenvolvimento cognitivo: o “gradativo desenvolvimento psíquico se opera graças ao interesse, que aparece como consequência de uma necessidade e leva à realização de um certo fim” (*Pedagogia...*, 1937, p. 46).

Estabelecendo o interesse como foco da ação pedagógica, Menezes faz censuras ao ensino por memorização e à sistematização prematura dos conteúdos. Ao tratar da necessidade de levar em consideração o interesse da criança, o autor cita Piaget a propósito do ensino de ciências, colocando esse ensino como um dos mais importantes do currículo desde que ligado às experiências e à observação da natureza e não à memorização. Ao defender o ensino de história, assim escreve o autor:

E em vez de falar ao interesse da criança, damos-lhe uma sucessão de fatos seriados no tempo, forçamo-la a deduzir relações causais, tentamos obter que ela se represente instituições chocantes com as do seu meio, quando é certo que ela até os 10 anos vive da e para a sua própria experiência fechada no seu egocentrismo (Piaget), e até os 12 anos não faz idéia nítida das divisões do tempo, baralhando unidades cronológicas (Moine, pgs. 125 - 127) (*Revista do Ensino*, 1937, p. 50).

Vemos que aqui também aparece o conceito de egocentrismo. Dessa vez entretanto, ele é entendido como uma característica da criança até os dez anos de idade que, antes desse período, teria limitações para lidar com relações causais complexas, ideias de tempo mais abstratas e com conhecimentos muito diversos daqueles vivenciados em seu cotidiano. No



trecho em que cita Piaget, Meneses dá ênfase às peculiaridades da criança nas diferentes fases da vida, afirmando que as práticas pedagógicas não deveriam ser alheias aos interesses e possibilidades infantis na relação com os conteúdos escolares, evocando o egocentrismo como explicação para seu argumento.

De fato, as características egocêntricas relacionadas às idades são discutidas nas obras de Piaget. No livro *Le langage et la pensée chez l'enfant* (1930), o autor relata as observações sobre a vida social das crianças feitas por Milles. Audemars e Lafendel na Maison des Petits, escola experimental anexa ao Instituto Jean Jacques Rousseau. A partir dessas observações chegou-se a conclusão que a criança pequena, até os cinco anos, só trabalhava e brincava sozinha. De cinco a sete anos e meio, ela começava a formar grupos pequenos de duas crianças para as brincadeiras, sendo os grupos transitórios e irregulares. Enfim, apenas aos 7 ou 8 anos apareceria a necessidade de trabalhar em conjunto ou em grupos maiores (Piaget, 1930, p. 59). De acordo com Piaget, era nessa idade, por volta dos oito anos, que os propósitos egocêntricos perdiam sua importância.

Diante disso, é estranho que Meneses tenha colocado que até os 10 anos de idade a criança fique fechada em seu egocentrismo, pois essa não é a ideia trabalhada nos livros de Piaget. Todavia, Meneses menciona Piaget por meio da citação de outro autor: Moine. A resenha sobre o livro *Pedagogia* não traz referências bibliográficas e nem indicação dos livros citados, como era comum na época. Diante disso, não temos evidências de que Meneses tenha lido o próprio Piaget. A resenha indica apenas que o autor cearense leu Piaget por meio da apropriação de outro autor. No caso de Moine, não foi possível encontrar nenhuma informação ou livro desse autor o que limitou a análise de como o jovem psicólogo suíço pode ter sido entendido.

O livro *Psicologia da infância* de Silvio Rabelo, professor da Escola Normal de Recife, de acordo com o resenhista da *Revista do Ensino*, oferece ao leitor um farto conjunto de modernas ideias sobre psicologia infantil ao lado da apresentação de resultados de pesquisas feitas em crianças brasileiras. De fato, Silvio Rabelo foi um dos estudiosos de Psicologia que realizou pesquisas com crianças de seu estado, tentando estabelecer as relações entre a psicologia desenvolvida em outros países e as características encontradas no Brasil. Segundo o autor da resenha, Rabelo cita Piaget nos melhores capítulos de seu livro, isto é, aqueles que tratam dos temas do desenvolvimento lógico e da linguagem.

O capítulo sobre desenvolvimento lógico traz uma elaboração sobre as disciplinas da escola, evidenciando a utilização da teoria piagetiana, assim como outros saberes científicos, para a reflexão sobre a organização e didática dos conteúdos escolares. Com um espírito bastante pragmático, Rabelo argumenta que as disciplinas não possuem méritos em si mesmas, pois sua utilidade depende do quanto elas são capazes de favorecer o desenvolvimento do pensamento lógico.



Todo o seu mérito está em contribuir para educar o pensamento lógico. Para o A. as que mais contribuem para isto são as ciências físico-naturais. Elas permitem observação e experimentação sobre que se podem basear leis. Disciplinam o espírito: fazem observar o ato isolado, compará-lo, identificá-lo com outros, formular hipóteses, verificar, concluir (Resenha do livro *Psicologia da Infância* – Silvio Rabelo – Editora Nacional – 1937, 1938, p. 48).

Tanto a resenha da obra de Djacir Meneses como a do livro de Silvio Rabelo valorizam as disciplinas físico-naturais. Elas seriam as mais aptas para favorecer o pleno desenvolvimento do pensamento lógico devido à utilização dos procedimentos da ciência: observar, comparar, identificar, formular hipóteses, etc.

O capítulo sobre linguagem, de acordo com a resenha publicada, discute a linguagem egocêntrica e a socialização do pensamento fundamentando-se em Jean Piaget:

A não ser que se trate de necessidades suas, a criança fala sem a preocupação de ser entendida. Sua linguagem é egocêntrica. (...) Depois, começa ela a se preocupar com a reação que suas palavras provocam nos outros; essa mesma preocupação a faz atenta para com a palavra alheia. Socializa-se a linguagem... (Resenha..., 1938, p. 34-35).

A argumentação utilizada por Rabelo pode ser encontrada nos dois livros de Piaget que circulavam no Brasil nessa época, assim como nos artigos da *Revista do Ensino: A estrutura psíquica do sonho e a mentalidade infantil* (escrito por Theobaldo Miranda dos Santos), *A personalidade e o caráter da criança* (redigido por Helena Antipoff) e *A criança aos sete anos* (publicado por Irene Lustosa).

Helena Antipoff, já mencionada anteriormente, e Irene Lustosa eram ambas ligadas ao Laboratório de Psicologia da Escola de Aperfeiçoamento que, na época, era responsável pela realização de diversas pesquisas nas escolas mineiras (Campos, 2010). Irene Lustosa, particularmente, era assistente de Antipoff nesse Laboratório e, portanto, formada no espírito da Escola Ativa genebrina ensinada por sua professora.

Na década de 1930 a 1940, o Laboratório de Psicologia foi um dos colaboradores da *Revista do Ensino* e por isso podemos encontrar, no periódico, diversos textos de Antipoff e suas alunas versando principalmente sobre o psiquismo infantil e apresentando resultados das pesquisas realizadas com os escolares. Nesse conjunto de publicações, o texto *A criança de sete anos*, segundo sua autora, tinha o objetivo de auxiliar os professores no conhecimento das especificidades do desenvolvimento da criança dessa idade já que era o momento de inserção na escola e da alfabetização. Para isso, Lustosa trabalha diversos aspectos do desenvolvimento infantil: físico, a inteligência, a linguagem, o desenho, etc.

Theobaldo Miranda dos Santos, importante intelectual católico brasileiro, esteve envolvido em diversos cargos administrativos relacionados à educação, como por exemplo a Secretaria de Educação do Rio de Janeiro, na época, Distrito Federal. Durante sua vida, foi também professor de instituições de ensino superior, na Pedagogia, como a Universidade do



Rio de Janeiro e a Pontifícia Universidade Católica do mesmo estado, sendo responsável por disciplinas de psicologia e autor de diversos livros sobre psicologia e pedagogia. Como afirma Souza (2011), Theobaldo Miranda dos Santos esteve ligado não apenas à docência, mas era “um personagem político, envolvido com os problemas sociais de seu tempo” (p. 539), incluindo nesses problemas, o movimento de renovação da educação e a formação de professores.

O artigo de Theobaldo Miranda dos Santos faz uma revisão sobre autores que têm tratado dos mecanismos psíquicos, principalmente os simbólicos, envolvidos nos sonhos, passando por Bergson, Nietzsche, Freud, Flournoy, Ribot, entre outros. Ao lado de Pierre Janet, Jean Piaget é citado quando Santos (1932) argumenta que a propriedade encontrada nos sonhos dos adultos comum à mentalidade infantil é a “crença integral nas próprias ideias” (p. 22).

Lustosa e Santos enveredam pela discussão das relações entre o pensamento egocêntrico e o sincretismo, destacando o papel da imagem na percepção infantil. Ambos os autores fazem referência ao livro *Le jugement et le raisonnement chez l'enfant* (1924) ao destacar essas relações, chamando a atenção para o processo de construção do pensamento lógico ou pensamento social do adulto:

Com a adaptação progressiva ao meio social, a criança vai procurando modelar suas ideias pelas dos adultos, e assim, aos poucos, o seu pensamento vai se tornando “lógico”, despontando então nela o espírito crítico (Santos, 1932, p. 23).

O artigo de Santos e os outros escritos aqui analisados tratam, de uma forma ou de outra, do impacto do meio social, e conseqüentemente da influência dos adultos, sobre o desenvolvimento psíquico da criança. As maiores apropriações da teoria de Piaget são feitas, na *Revista do Ensino*, como contribuição para a compreensão dos mecanismos pelos quais a criança sai de uma posição egocêntrica para uma situação socializada ou de maior adaptação ao meio social.

Antipoff faz essa apropriação ao utilizar ideias de Piaget para definição da consciência de si como um produto social. Na perspectiva elaborada pela psicóloga russa, nos conhecemos à medida que nos comparamos aos outros e podemos, assim, perceber que nosso ponto de vista moral e intelectual difere dos outros.

Na obra *Le jugement et le raisonnement chez l'enfant* (1924/1967), Piaget demonstra que a criança é menos consciente do seu próprio pensamento do que o adulto. No centro dessa discussão estava o conceito de tomada de consciência, reputado por Piaget a Claparède, e a posição de egocentrismo da criança definido pelo autor como uma confiança da criança em seu próprio pensamento no qual pouco importam os motivos ou as razões que guiam seu raciocínio (Piaget, 1924/1967). Será pelas pressões das discussões e oposições demandadas



pela vida social que a criança começará, aos poucos, a sentir a necessidade de justificar seu pensamento aos olhos dos outros, de buscar discernir, por introspecção, os motivos que a guiam. Para o psicólogo suíço a dificuldade de introspecção estava ligada à dificuldade de dar uma razão lógica para os fenômenos, entendendo-os ao seu bel prazer.

Ao tratar especificamente do pensamento egocêntrico em *Le langage et la pensée chez l'enfant* (1930), Piaget reporta-se à Psicanálise apropriando-se das ideias de Paul Eugen Bleuler. Segundo o autor genebrino, a Psicanálise distinguia duas maneiras fundamentais de pensar: o pensamento dirigido ou inteligente e o pensamento não dirigido ou autístico. O pensamento dirigido e inteligente é consciente e adaptado ao mundo, buscando agir de acordo com as leis da realidade. É também passível de ser comunicado pela linguagem. O pensamento não dirigido, por sua vez, possui finalidades e persegue problemas que não estão presentes diretamente à consciência. Não é um pensamento adaptado ao mundo externo, pois cria realidades imaginárias destinadas a satisfazer desejos. Além disso, é estritamente individual e não pode ser comunicado facilmente pela linguagem. Entre o pensamento inteligente que pode ser comunicado e o autístico, sem vias de comunicação, existem variações e modos intermediários, sendo o egocentrismo uma das principais formas intermediárias do pensamento inteligente. Desse modo, o pensamento egocêntrico é caracterizado por ser mais intuitivo e sincrético, isto é, mais guiado por imagens e símbolos do que por deduções ou razões facilmente demonstradas pela lógica (Piaget, 1930), aspectos ressaltados por Irene Lustosa e Theobaldo Miranda dos Santos.

Como apontam Helena Antipoff e Silvio Rabelo, a modificação do pensamento de egocêntrico para inteligente ou comunicável acontece porque a inteligência se socializa graças à linguagem e aos esforços de comunicação com os outros e com o meio (Piaget, 1930, p. 63).

A centralidade da discussão sobre egocentrismo e pensamento socializado nas produções dos autores publicados no periódico parece estar relacionada a duas questões fundamentais dos educadores mineiros: 1) a importância de refletir sobre o impacto do meio ambiente sobre o desenvolvimento cognitivo da criança, apropriando-se, para essa reflexão do tema piagetiano de socialização do pensamento; 2) a necessidade de compreender as especificidades da lógica infantil, utilizando as pesquisas em psicologia que demonstram que “a criança percebe o mundo exterior de modo bem diverso do adulto” (Lustosa, 1939, p. 222) a fim de elaborar práticas pedagógicas mais consistentes e modernas.

Na introdução de *Le langage et la pensée chez l'enfant*, segunda edição da obra datada de 1930, Claparède faz um prefácio no qual adverte que a importância do trabalho de Piaget era oferecer uma visão totalmente nova sobre a criança e sobre a inteligência infantil, calcada em uma visão não numérica ou quantitativa, mas qualitativa. Em sua sistematização teórica, de acordo com Claparède, Piaget sofrera influências de diversos autores e escolas das ciências,



destacando-se sua leitura de Émile Durkheim no reconhecimento do papel da vida social na formação dos espíritos individuais (Claparede, 1930, p.VII).

Podemos observar que nos textos analisados nesse artigo, a divulgação dos saberes da psicologia científica, incluindo as teorias da Escola Ativa de Genebra e as ideias de Piaget, encontra-se relacionada às discussões sobre o desenvolvimento do escolar, a ação pedagógica e à reflexão sobre as novas formas de organizar a educação escolar, temas considerados pelas reformas educacionais.

A preocupação em aliar o estudo científico sobre a criança e a pedagogia era o pilar sobre os quais se construiu o Instituto Jean Jacques Rousseau, sendo que, para Claparède, a pedagogia não pode estar isolada da ação pedagógica, devendo uma reforçar a outra (Claparede, 1930, p. XIII). Desse modo, os princípios da Escola Ativa que norteavam os estudos e trabalhos elaborados no Instituto Jean Jacques Rousseau de Genebra estavam em consonância e dialogavam com as circunstâncias com as quais se deparavam educadores e intelectuais mineiros.

A Escola ativa genebrina oferecia os fundamentos necessários para a construção de uma pedagogia moderna, calcada em métodos científicos, atendendo à necessidade de modernização da República brasileira. Contribuía também para a produção de um saber pedagógico aliado à psicologia e à biologia, mas que não descurava da discussão sobre a importância dos fatores ambientais no desenvolvimento das crianças, como já preconizava o higienismo praticado no Brasil.

Considerações finais

Para a eficácia de uma reforma educacional que ajudasse a sustentar o país, também dando conta de seus problemas, apostava-se na formação de bibliotecas e na divulgação, por meio de periódicos, de listas de livros para a formação docente. Essas obras, ao serem adquiridas pelos professores ou pelas instituições, tinham como finalidade fazer conhecer os métodos da Escola Nova, entre eles os da Escola Ativa.

Entre essas iniciativas, havia a Biblioteca Pedagógica que funcionava em amplos salões da Escola Normal de Belo Horizonte e tinha como objetivo franquear o acesso aos livros considerados importantes para a reforma educacional para aqueles que não tinham condições de comprá-los. Desse modo, o estado organizava a leitura do professorado mineiro, tendo o cuidado de indicar a boa leitura exatamente como fazia a Igreja desde o século XIX no Brasil (Assis, 2004). Entre os títulos que compunham a boa leitura pedagógica figuravam os livros de Jean Piaget sempre ao lado das obras de Edouard Claparède.

As obras *Le jugement et le raisonnement chez l'enfant* (1924) e *Le langage et la pensée chez l'enfant* (1923) de Jean Piaget circulavam, no Brasil, em francês, pois ainda não havia traduções dos textos piagetianos (Vasconcelos, 1996). Elas eram as principais referências para



as citações do trabalho do autor suíço feitas pelos colaboradores da *Revista do Ensino*, como pudemos observar. Embora o periódico *Archives de Psychologie*, do qual Jean Piaget era editor, circulasse na Escola de Aperfeiçoamento, em Belo Horizonte, pelas mãos de Helena Antipoff, apenas uma das citações de Piaget são tiradas desse jornal, tendo sido feita pela própria Antipoff. Assim, podemos concluir que Piaget era lido, principalmente, por meio de suas duas obras publicadas. Como vimos no caso do livro *Pedagogia* de Djacir Meneses, as ideias de Piaget podiam também ser conhecidas por meio de divulgadores das novas teorias educacionais

De modo geral, o que podemos depreender da leitura da *Revista do Ensino*, é que o interesse dos educadores e psicólogos brasileiros por Piaget recai sobre a relação indivíduo/meio e sobre a importância dessa interação na construção das estruturas mentais e dos processos lógicos de conhecimento. De fato, as décadas de 1920 a 1930 são a época em que Piaget está voltado para a especificidade da mentalidade infantil e para a socialização progressiva do conhecimento em interação com o mundo (Montangero & Maurice-Naville, 1998).

A apropriação das ideias de Piaget acontece em um contexto no qual se esperava uma ciência da criança capaz de lidar com os problemas enfrentados pela educação brasileira que, segundo os intelectuais da época, precisava ser renovada seja no âmbito da educação católica ou da educação laica. Os educadores em geral e os professores se viam às voltas com a necessidade de entender até que ponto e de que modo seus métodos poderiam proporcionar melhores condições de aprendizado e de desenvolvimento humano.

Com exceção dos intelectuais católicos, como D. Silvério Pimenta e Theobaldo Miranda, esperava-se que as respostas a essas questões surgissem da aplicação dos métodos científicos, sem os quais não parecia possível reinventar a escola e tornar-se um país moderno. Para os católicos, a necessidade era de combinar as modernas ideias com a tradição representada pela Igreja na busca de uma educação que dialogasse com os novos tempos. Todavia, o que a análise da *Revista do Ensino* nos sugere é que a teoria de Jean Piaget estava sendo lida tanto por aqueles que acreditavam em uma superação da educação tradicional pela renovação educacional como pelos grupos que desejavam aliar tradição e utilização de princípios científicos na educação. A psicologia aparecia com uma das ciências que mais parecia contribuir para a educação. Nesse contexto, os estudos piagetianos parecem ter sido valorizados por esclarecer os mecanismos psíquicos subjacentes à socialização da criança, incluindo aí, entre outros aspectos, as capacidades de aprender e de se relacionar com o conhecimento do mundo específicas de cada idade.

Referências

A Redação. (1932). A nossa revista. *Revista do Ensino*, 74, 1.



- Almeida, M. O. (2013). *O ensino de arte em Minas Gerais (1940 – 1960): diálogos e colaborações entre a arte e a educação nova*. Dissertação Mestrado, Programa de Pós-Graduação em Educação: conhecimento e inclusão social, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, MG.
- Antipoff, H. (1933). A personalidade e o caráter da criança: necessidade de respeitá-los e favorecer seu desenvolvimento na criança no Asilo. *Revista do Ensino*, 95, 3-13.
- Antunes, M. A. M. (2005). *A psicologia no Brasil: leitura histórica sobre sua constituição*. São Paulo: Educ.
- Assis, R. M. (2004). *Psicologia, educação e reforma dos costumes: lições da Selecta Catholica (1846-1847)*. Tese de Doutorado. Programa de Pós-Graduação em Educação: conhecimento e inclusão social, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, MG.
- Assis, R. M. (2009). Psicologia filosófica no século XIX: faculdades da alma e relação entre inteligência, sensibilidade e vontade. *Psicologia: reflexão e crítica*, 22(2), 304-311.
- Assunção, M. M. S. (2002). *A Psicologia da educação e a construção da subjetividade feminina (Minas Gerais, 1920-1960)*. Tese de Doutorado. Programa de Pós-Graduação da Faculdade de Educação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, MG.
- Biccas, M. S. (2008). *O impresso como estratégia de formação: Revista do Ensino de Minas Gerais (1925 – 1940)*. Belo Horizonte: Argumentum.
- Campos, R. H. F. (2010). *Helena Antipoff (1892 – 1974) e a perspectiva sociocultural em psicologia e educação*. Tese para Concurso de Professor Titular. Faculdade de Educação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, MG.
- Chartier, R. (1990). *A história cultural: entre práticas e representações*. Lisboa: Difel.
- Claparède, E. (1930). Préface. Em J. Piaget. *Le langage et la pensée chez l'enfant* (pp.V-XIV). Neuchatel, França: Delachaux et Niestlé S.A.
- Dagfal, A. (2004). Para uma “estética de la recepción” de las ideas psicológicas. *Frenia*, 4(2), 7-16.
- Libâneo, J. C., Oliveira, J. F. & Toschi, M. S. (2012). *Educação escolar: políticas, estrutura e organização*. São Paulo: Cortez.
- Lustosa, I. (1939). A criança aos sete anos (Continuação). II parte. Desenvolvimento mental. *Revista do Ensino*, 164-169, 213-242.
- Montangero, J. & Maurice-Naville, D. (1998). *Piaget ou a inteligência em evolução* (T.B.I. Marques e F. Becker, Trad.s). Porto Alegre: Artmed. (Original publicado em 1994).



- Nepomuceno, D. M. & Campos, R. H. F. (2004). Fontes para difusão das idéias psicológicas em Minas Gerais entre 1830 e 1930. *Memorandum*, 6, 114-123. Recuperado em 07 de maio, 2013 de <http://www.fafich.ufmg.br/memorandum/artigos06/nepcampos01>
- Parrat-Dayan, S. (2003). O texto e suas vozes: Piaget lido por seus pares no meio psicológico dos anos 1920 – 1930. *Schème: Revista eletrônica de psicologia e epistemologia genética*, 1(1), 153-184.
- Pedagogia de Djacir Menezes – Edição da Livraria do Globo, Porto Alegre, 1935. (1937). *Revista do Ensino*, 140-142, 42-52.
- Peixoto, A. M. C. (2003). Uma nova era na escola mineira: a reforma Francisco Campos e Mário Casasanta (1927 – 1928). Em M. C. Leal & M. A. L. Pimentel (Org.s). *História e memória da Escola Nova* (pp. 75-108). São Paulo: Loyola.
- Piaget, J. (1930). *Le langage et la pensée chez l'enfant*. Neuchatel, França: Delachaux et Niestlé S.A. (Original publicado em 1923).
- Piaget, J. (1967). *Le jugement et le raisonnement chez l'enfant*. Neuchatel, França: Delachaux et Niestlé S.A. (Original publicado em 1924).
- Resenha do livro Psicologia da Infância – Silvio Rabelo – Editora Nacional – 1937 (1938). *Revista do Ensino*, 149, 52-55.
- Santos, T. M. (1932). A estrutura psíquica do sonho e a mentalidade infantil. *Revista do Ensino*, 74, 20-25.
- Souza, J. S. (1933). Discurso de paraninfo aos diplomandos do Grupo Escolar de Diamantina. *Revista do Ensino*, 80, 20-30.
- Souza, R. A. (2011). Reflexões sobre o discurso pedagógico de Theobaldo Miranda dos Santos. Em *Anais do X Congresso Nacional de Educação e I Seminário Internacional de Representações Sociais, subjetividade e educação* (pp. 531-544). Curitiba: PUC-PR.
- Vasconcelos, M. S. (1996). *A difusão das idéias de Piaget no Brasil*. São Paulo: Casa do Psicólogo.

Nota sobre a autora

Raquel Martins de Assis é mestre em Psicologia pela USP e doutora em Educação pela UFMG. É professora da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais e trabalha com pesquisas em História da Psicologia e História da Psicologia da Educação no Brasil. E-mail: raamart@yahoo.com.br

Data de recebimento: 05/02/2014

Data de aceite: 03/11/2014